

Barbie - delírios da extrema direita



Por **FRANCISCO FERNANDES LADEIRA***

Devemos compreender Barbie como um produto cultural daquele que é, hoje, o maior inimigo dos povos oprimidos do planeta: o imperialismo estadunidense

O filme *Barbie*, um dos principais assuntos da agenda pública nos últimos dias, certamente passará para a história como uma daquelas produções cinematográficas que é mais comentada do que propriamente assistida. Seguindo essa linha, pretendo, aqui, me concentrar na repercussão da obra e não em seu conteúdo.

Não se trata de fazer juízo de valores sobre quem foi assistir ao filme vestindo rosa, a respeito de quem não recomendou *Barbie* ou se é (ou não) uma produção destinada ao público infantil. A meu ver, são questões irrelevantes para um debate minimamente produtivo. Afinal de contas, ir ou não ir ao cinema é um direito individual.

Antes de tudo, devemos compreender *Barbie* (ou qualquer outro similar) como um produto cultural daquele que é, atualmente, o maior inimigo dos povos oprimidos do planeta: o imperialismo estadunidense. Qualquer análise que não leve isso em conta, corre o risco de ser mero preconceito ou lacração. Aliás, essas duas visões, ambas maniqueístas, pautaram quase a totalidade das críticas sobre o filme *Barbie*.

Historicamente, o domínio planetário estadunidense não foi construído apenas por meios militares ou econômicos; também contou com o que o cientista político Joseph Nye define como “*soft power*”, ou seja, a habilidade discursiva de modelar os desejos do outro, gerando tamanha atração que ele escolhe seguir seu exemplo.

Desse modo, *Barbie* tem como principal função ideológica difundir o identitarismo, ideologia criada nos Estados Unidos, cujo principal objetivo é dividir e confundir os setores oprimidos, substituindo a luta de classes (motor da história, segundo Marx) por movimentos de determinadas identidades (mulheres, negros, gays, lésbicas, transexuais, indígenas, veganos, obesos etc.).

No caso de *Barbie*, sua narrativa, centrada em torno da abstrata “luta contra o patriarcado” (que esconde as reais lutas dos povos oprimidos: contra a burguesia, em âmbito nacional, e contra o imperialismo, na escala global), passa uma imagem pseudoprogressista, de suposta “libertação das mulheres”. Isso é o suficiente para atrair pessoas politicamente ingênuas.

Esse suposto caráter progressista de *Barbie* (ironicamente, boneca símbolo do conservadorismo ianque dos anos 1950) levou muitos indivíduos ligados à extrema direita a rotular o filme como “antihomem”, “marxismo cultural”, “afronta aos valores cristãos”, “apologia à homossexualidade” e “contra a família”, entre outros delírios típicos desse público.

Até aqui, nenhuma novidade, pois “vergonha alheia” e “extrema direita” pertencem ao mesmo campo lexical. No entanto, tão vergonhoso quanto os delírios da extrema direita, foram os posicionamentos de (boa parte) da esquerda sobre o filme *Barbie*.

Ao invés de denunciar a indústria cinematográfica como braço cultural do imperialismo estadunidense, muitos esquerdistas (ou supostos esquerdistas) preferiram rasgar elogios à obra, com “opiniões prontas”, saídas diretamente de Harvard e seus mantras lacradores tipo: “símbolo do empoderamento feminino”, “contra a masculinidade tóxica”, “mulheres no poder” e (a anteriormente mencionada) “luta contra o patriarcado”.

Como nada é tão ruim que não possa piorar, ainda tivemos as análises realizadas exclusivamente a partir das críticas da extrema direita à *Barbie*, e não ao conteúdo do filme propriamente dito. Algo tipo “se incomodou/irritou os conservadores, é automaticamente positivo para a esquerda”.

E, assim, a extrema direita se transforma no espantalho ideal para a alteridade negativa da esquerda. O “inimigo principal” não é mais o “burguês explorador”, mas o “macho escroto”.

Em suma, se nos aspectos militar e econômico, os Estados Unidos são uma potência decadente (haja vista, por exemplo, a incapacidade em lidar com a crescente influência global de Rússia e China), na “guerra semiótica”, isto é, no plano simbólico, os estadunidenses estão mais fortes do que nunca. *Barbie*, o filme, não é apenas um sucesso de bilheteria, também é uma bem-sucedida ação de *soft power*.

***Francisco Fernandes Ladeira** é doutorando em geografia pela Universidade estadual de Campinas (Unicamp). Autor, entre outros livros, de *A ideologia dos noticiários internacionais* (CRV).

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)